

São Paulo, 450



Os que vieram de fora

Chiappetta, Riskallah, Mackenzie, Crespi, Siciliano, Matarazzo, Jafet, Feffer, Klabin, Diniz, Navarro, Shirasaca – alguns poucos nomes, entre tantos outros inscritos na memória paulistana. Anônimos e famosos, todos ligados à história da construção da metrópole. Italianos, libaneses, armênios, judeus, eslavos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, entre tantos imigrantes europeus e asiáticos que vieram juntar seu destino ao destino de São Paulo. No alto comércio e na grande indústria, ou em pequenas lojas e modestos negócios, todos usaram seus talentos para criar trabalho e riqueza.

Uns fizeram fábricas de papel, outros de tecidos e alimentos; uns iniciaram as side-

Memorial do Imigrante



Foto de passaporte de família italiana, de 1923. Interessante notar que se trata de um único passaporte para toda a família. Muitas famílias de imigrantes eram numerosas, como a da foto. Mas também havia casais com um ou dois filhos, homens casados sem a família (que viria depois) e jovens solteiros.

Mèrica, Mèrica...

“Na época do meu avô, no começo do século XX, o empório era bem pequeno, as pessoas vinham fazer a compra do dia-a-dia, sabão, óleo, conservas, etc. Com o passar do tempo e com o crescimento da cidade, mudaram as características do comércio. Naquela época, o empório no Mercado Municipal tinha uns 300 artigos, hoje tem quase 1500.” (Leonardo Chiappetta, 1995)

“Meu avô se chamava Rizkallah Jorge Tahanian, sobrenome de origem armênia. Começaram a chamá-lo de Riskallah Jorge e o nome virou o nome da empresa, Riskallah Jorge e Filhos. Como houve uma série de epidemias por falta de saneamento básico, a febre amarela, ele acabou introduzindo esse saneamento básico, caixas d’água, caixas de descarga. E a bóia era peça funda-

mental. Onde encontrá-la? Na Casa da Bóia, claro, o nome que o povo acabou dando à empresa e que ficou.” (Mário Rizkallah, 1995)

mental. Outros o comércio de sucata; uns abriram escolas que ficaram famosas, outros criaram empórios especializados no Mercado Municipal; uns ergueram os primeiros impérios industriais, outros as primeiras grandes redes comerciais; uns abriram lojas de sapatos, outros lojas de armarinhos; uns lançaram as padarias e outros as cantinas que marcariam a nova paisagem metropolitana.

Veja SP, 30/10/1996. Acervo/Departamento do Patrimônio Histórico/Prefeitura de São Paulo



Casa Albino de Ferragens, na rua Teodoro Sampaio, bairro de Pinheiros, 1922. Na capital paulista, durante o período da grande imigração estrangeira, italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses e judeus foram os grupos que mais se destacaram no comércio varejista ou “de retalho”, como era denominado.

mental. Onde encontrá-la? Na Casa da Bóia, claro, o nome que o povo acabou dando à empresa e que ficou.” (Mário Rizkallah, 1995)

“Meus pais vieram da Espanha e chegaram em São Paulo em 1926. Por volta de 1940 começaram no ramo de ferro-velho, na Mooca. Trabalhavam com jornal, papel, garrafa, sucata de ferro, com mais de trinta carrinhos. Compravam de tudo, tudo era reciclável já naquela época. Mas para vender a sucata de ferro, os primeiros contatos foram com as siderúrgicas dos Jafet e dos Aliperti.” (Miguel Navarro, 2003)

Imigrantes italianos, armênios, espanhóis... personagens de uma saga histórica. Vieram, viveram e trabalharam com a determinação própria dos pioneiros,

São Paulo, 450



com o afã de vencer e prosperar. Todos embalados pelo sonho de “fazer a América”.

*Anderemo in Mèrica
In tel bel Brasil
E qua i nostri siori
Lavorerà la tera col badil!*

*Iremos para a América
Para aquele belo Brasil
E aqui nossos senhores
Trabalharão a terra com a pá!*

Fonte: www.casadaaboia.com.br



Fachada da Casa da Bóia, construída no início do século XX, na rua Florêncio de Abreu. Seguindo seu exemplo, outras lojas de ferragens e ferramentas se instalaram nessa rua, caracterizando o tipo de comércio praticado aí, até hoje. Restaurado recentemente, o casarão é um exemplo do estilo das casas comerciais da época: na parte inferior ficavam as instalações comerciais; a superior era a residência do proprietário.

Cidade estrangeira

Essa história começou nas últimas décadas do século XIX e acabou confundindo-se com a própria história da cidade. Partindo de outras terras e cruzando outros mares, um destino comum conduziu essa brava gente ao ponto de encontro numa terra nova e fecunda, onde replantaram as raízes e recomeçaram a vida.

Entre 1880 e 1950, o Brasil recebeu aproximadamente 4,5 milhões de imigrantes europeus e asiáticos. Italianos, portugueses e espanhóis, nesta ordem, constituíram mais da metade do total, ficando o restante dividido entre quase duas dezenas de povos, de alemães e franceses a eslavos e japoneses.

Entre os estados brasileiros, São Paulo foi de longe o que mais atraiu esses imigrantes. Dos 4,5 milhões que chegaram ao Brasil, cerca de 3 milhões desembarcaram em Santos e subiram a serra rumo ao interior do estado, na esperança de, ao colher os grãos, colher para si um pouco da riqueza do café. Esperança que nem sempre se realizou. Por diferentes caminhos, boa parte de toda essa gente acabou ficando ou vindo para a capital.

Das ruas do café para as ruas da cidade. Da vida dura e pouco compensadora na colônia para um mundo de novidades e oportunidades na metrópole.

Entre 1890 e 1920, São Paulo pulou de 60 mil para 520 mil habitantes – quase 70% deles imigrantes ou filhos de imigrantes. Não havia mais dúvida de que daí por diante, carcamanos italianos, galegos portugueses e espanhóis, turcos, sírios, libaneses e gaijin japoneses entre tantos outros grupos, fariam da velha São Paulo, com suas caras e cores, com suas línguas, dialetos e sotaques, uma nova cidade cada vez mais “estrangeira”.

A cidade abriu-se e acolheu os que vinham de fora.

Precisava deles que, com seus braços e sua inteligência, injetaram sangue novo nas veias paulistanas. Operários

moviam as fábricas de tecidos, bebidas, farinhas e massas e sustentavam a expansão dos serviços públicos; artesãos e comerciantes multiplicavam os pequenos negócios de oficinas e de casas de varejo; enquanto outros mais voluntariosos, e com algum capital, começavam a construir promissores impérios industriais.

Memorial do Imigrante



Ao desembarcar no porto de Santos, os imigrantes eram encaminhados para a Hospedaria de Imigrantes, no Brás. É o caso desse grupo de portugueses, que chegaram ao Brasil em 1938. Daí eram enviados para seu destino nas fazendas de café do interior do estado. Hoje o prédio abriga o Museu do Imigrante.

São Paulo, 450

É certo que as condições de vida nessa cidade em crescimento explosivo não eram das melhores. As ruas poeirentas, os cortiços abafados e as longas jornadas de trabalho nas fábricas dos bairros operários como o Brás, a Mooca e o Ipiranga tornavam a vida bem menos confortável que nos bairros arborizados, higiênicos e elegantes do outro lado da cidade, como Campos Elíseos e Higienópolis.

Nem a convivência entre tantos grupos, com tão diversas origens, culturas, idéias políticas e interesses sociais, foi sempre cordial e pacífica. E não poderia mesmo ter sido, como historicamente não o foram em lugar nenhum as relações entre o capital e o trabalho e as relações entre classes, etnias e ideologias. As grandes



Francisco Matarazzo construiu um império industrial e comercial baseado na capital paulista. Aproveitando matéria-prima trazida do interior, as indústrias Matarazzo fabricavam óleos e banhas, farinhas e massas. Na foto, Moinho Matarazzo.



greves das décadas de 1910 e 1920, as disputas entre anarquistas e socialistas e a repressão indiscriminada aos movimentos sociais – culminando em deportações sumárias de algumas dezenas de militantes – mostram bem o quanto foram turbulentos os anos de gestação da nova cidade.

Turbulentos mas fecundos, a julgar pelas marcas deixadas na história da cidade.

Na primeira metade do século XX, o Belenzinho, visto aqui em foto de 1930, foi um dos bairros de alta concentração industrial e operária da capital paulista. Dentre as indústrias, destacava-se a de fiação e tecelagem.

O legado

A história de São Paulo pode ser dividida em duas partes – antes e depois da grande imigração estrangeira. Até fins do século XIX, o burgo de vida monótona e solitária na beira do planalto paulista. Daí por diante, a cidade de vida trepidante e solidária na encruzilhada que se tornou o coração do Brasil.

Antonio Gauderio

Alexandre Tokitaka/Editora Abril



Catedral Ortodoxa Metropolitana do bairro do Paraíso (à esquerda) e fachada da sinagoga Beit Yaakov (Casa de Jacó), no bairro de Higienópolis (à direita). As fotos mostram a grande diversidade de povos, com suas tradições culturais, que contribuíram para a formação de São Paulo.

A força da imigração não revirou apenas o espaço físico e econômico da cidade, exigindo um novo *lay-out* urbano, expandido e modernizado, criando uma base industrial que anunciava um novo destino. Revirou também as relações sociais, pondo frente a frente línguas, saberes, costumes, valores e crenças religiosas muito diversos, provocando novas demandas sociais, culturais e educacionais, criando padrões e redes de sociabilidade para equilibrar o viver e o trabalhar.

Sem nunca perder a nostalgia da pátria-mãe – evocando-a na “Itália eterna” ou nas “Saudades de Portugal”, dois programas de rádio de muito sucesso nos anos de 1950 –, os imigrantes sempre souberam que tinham vindo para ficar. Para ficar e viver deste lado do Atlântico, criando famílias e filhos, fazendo negócios, criando associações de educação, entretenimento e apoio mútuo.

São Paulo, 450

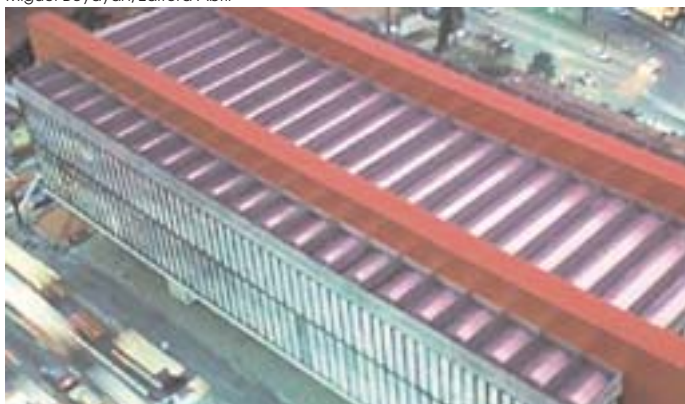


A presença dos imigrantes na vida e na história paulistanas teve, certamente, como seus ícones mais fortes alguns grandes empreendimentos que, durante décadas, foram os grandes símbolos da sua prosperidade. As indústrias Matarazzo, a siderúrgica Jafet, as tecelagens da família Crespi, a Cervejaria Antarctica, de empresários escandinavos, e a Companhia Melhoramentos de empresários judeus, foram alguns desses símbolos. Mas não foram os únicos, nem os mais definidores talvez. Já nas décadas de 1920 e 1930, mais da metade das escolas primárias e secundárias (hoje, escolas de Ensino Fundamental e Médio) existentes na cidade estavam ligadas a pessoas ou instituições de imigrantes, algumas gozando de merecido prestígio, como os colégios Mackenzie e Dante Alighieri.

Por essa mesma época já é grande o número de jornais e revistas que circulam entre os grupos de imigrantes, ainda que na maioria tenham tido vida curta. E começam a formar-se ou firmar-se as primeiras associações voltadas para demandas sociais específicas, como clubes (Espéria, Palmeiras e Pinheiros) e hospitais (Humberto I e Beneficência Portuguesa).

No plano das artes e da cultura, a presença dos imigrantes também passou a ser cada vez mais notada. Para comprovar isso, basta lembrar os pintores do grupo Santa Helena nos anos de 1930-1940, como Alfredo Volpi

Miguel Boyayan/Editora Abril



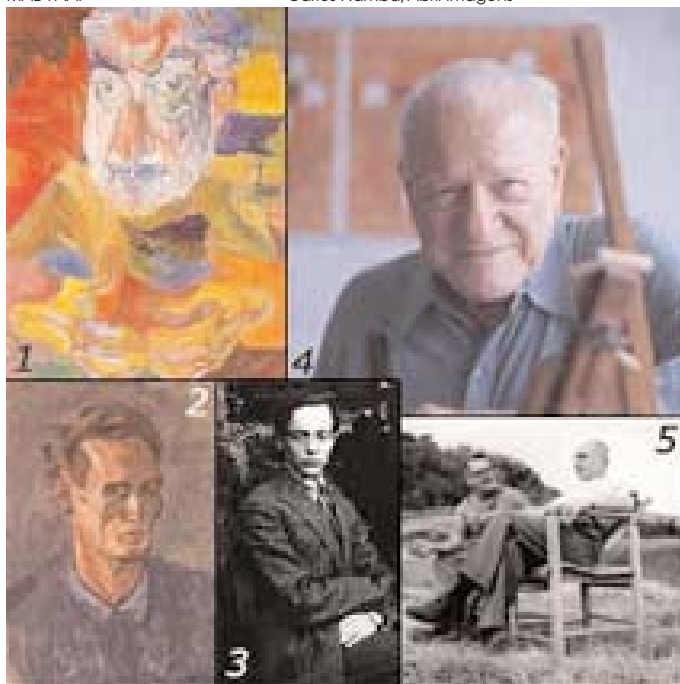
No final do século XIX, o engenheiro Joaquim Eugênio de Lima construiu a avenida Paulista, símbolo da modernização da capital do estado. Em 1968, cerca de 50 anos depois, no ponto mais nobre dessa avenida, Lina Bo Bardi plantou a sede do Museu de Arte de São Paulo - Masp, um prédio tão bonito quanto arrojado, que passou a ser o novo ícone da cidade.

e Aldo Bonadei; os atores e diretores fundadores do Teatro Brasileiro de Comédia, em 1949, como Franco Zampari e Adolfo Celi; do criador, junto com Assis Chateaubriand, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1947, Pietro Maria Bardi; o criador da Bienal São Paulo, em 1951, Francisco Matarazzo Sobrinho.

Os imigrantes, com sua energia criadora, mais do que fizeram crescer uma cidade. Reinventaram-na. Deram-lhe uma nova dinâmica econômica, social e cultural. Combinando trabalho e convivência, lançaram as bases de uma sociedade múltipla e tolerante. Começaram a desenhar o novo perfil de Sampa, a cidade em movimento, a "cidade que não pode parar" dos anos 1950-1960, porque estava sempre aberta a novas intervenções.

MAB-FAAP

Carlos Namba/Abril Imagens



1. Retrato de Pietro Maria Bardi em pintura a óleo de Flávio de Carvalho, 1964.

2. Aldo Bonadei. Auto-retrato.

3. Francisco Matarazzo Sobrinho, mais conhecido como Cicillo Matarazzo. (Fonte: Presépio Napolitano de São Paulo, Retrato Publicidade e Instituto Takano)

4. Alfredo Volpi em seu ateliê, 1976.

5. Alberto Cavalcanti, cineasta brasileiro, e Franco Zampari, industrial italiano, nos estúdios da Vera Cruz.